
FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE

**INFLUÊNCIA DA TAXA SELIC NA ATRATIVIDADE DOS
INVESTIMENTOS EM RENDA FIXA**

**INFLUENCE OF THE SELIC RATE ON THE ATTRACTIVENESS OF
FIXED-INCOME INVESTMENTS**

Raphael Lourenço Santos
Caio Vinicius Lima Ramos
Dr. Douglas Fernandes

Resumo

O presente estudo analisou a influência da taxa Selic na atratividade dos investimentos de renda fixa e no comportamento do investidor brasileiro no período de 2016 a 2025. A pesquisa partiu da constatação de que, apesar do crescimento do mercado financeiro nacional, grande parte dos investidores brasileiros permaneceu concentrada em aplicações conservadoras, especialmente na caderneta de poupança. O objetivo do trabalho consistiu em compreender como as oscilações da taxa básica de juros impactaram a rentabilidade dos investimentos de renda fixa e influenciaram as decisões de investimento da população. A metodologia utilizada baseou-se em levantamento bibliográfico, documental e análise quanti-qualitativa de dados históricos da Selic e dos principais ativos de renda fixa, utilizando informações do Banco Central do Brasil, ANBIMA e artigos científicos. Os resultados demonstraram que os ciclos de elevação da Selic aumentaram significativamente a rentabilidade de produtos pós-fixados, como Tesouro Selic, CDBs e fundos DI, ampliando sua atratividade. Entretanto, verificou-se que fatores comportamentais, como aversão ao risco, busca por segurança, baixa educação financeira e inércia financeira, limitaram a migração dos investidores para aplicações potencialmente mais rentáveis. Concluiu-se que a taxa Selic exerceu forte influência sobre o mercado de renda fixa brasileiro, porém seu impacto sobre o comportamento do investidor mostrou-se condicionado também por fatores sociais, educacionais e comportamentais.

Palavras-chave: Taxa Selic, Renda fixa, Investidor brasileiro, Política monetária, Educação financeira.

Abstract

This study analyzed the influence of the Selic rate on the attractiveness of fixed-income investments and on the behavior of Brazilian investors from 2016 to 2025. The research was based on the observation that, despite the growth of the Brazilian financial market, a large portion of investors remained concentrated in conservative investments, especially savings accounts. The objective of the study was to understand how fluctuations in the basic interest rate affected the profitability of fixed-income investments and influenced investors' financial decisions. The methodology consisted of bibliographic and documentary research, as well as

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE

quantitative-qualitative analysis of historical data related to the Selic rate and the main fixed-income assets, using information from the Central Bank of Brazil, ANBIMA and scientific articles. The results showed that periods of higher Selic rates significantly increased the profitability of post-fixed investments, such as Treasury Selic bonds, CDBs and DI funds, making them more attractive. However, behavioral factors such as risk aversion, preference for security, low financial education and financial inertia limited the migration of investors to more profitable alternatives. The study concluded that the Selic rate strongly influenced the Brazilian fixed-income market, although investor behavior was also conditioned by social, educational and behavioral factors.

Keywords: Selic rate, Fixed income, Brazilian investor, Monetary policy, Financial education.

1. INTRODUÇÃO

O sistema financeiro brasileiro vem passando por transformações constantes, acompanhando oscilações econômicas e alterações no perfil dos aplicadores. Nesse cenário, compreender os elementos que influenciam as escolhas de alocação de recursos é essencial para favorecer decisões mais conscientes, tanto de pessoas físicas quanto de organizações.

Entre os fatores que impactam diretamente esse processo, destaca-se a taxa Selic, instrumento central da política monetária nacional. Como parâmetro para a remuneração de diversos títulos e aplicações de renda fixa, a Selic interfere na atratividade de alternativas como Tesouro Direto, Certificados de Depósito Bancário (CDBs), fundos de depósito interbancário (DI) e até mesmo na tradicional caderneta de poupança.

Apesar dos avanços em educação financeira, o contingente de brasileiros que direciona recursos para investimentos ainda é restrito. De acordo com a ANBIMA (2025), apenas 37% da população afirma possuir algum tipo de aplicação. Dentre esses investidores, a poupança continua predominando, presente em 64% das carteiras (INFO MONEY, 2025).

Esse quadro revela um comportamento majoritariamente conservador e avesso ao risco, em que se prioriza segurança e liquidez em detrimento de maior rentabilidade. No entanto, alterações na Selic modificam diretamente o potencial de ganho dos ativos de renda fixa, estimulando ou inibindo a migração para instrumentos financeiros mais sofisticados.

Dessa forma, compreender a influência da taxa básica de juros nas aplicações financeiras torna-se relevante para ampliar a educação econômica, apoiar o planejamento patrimonial e orientar gestores que buscam equilibrar risco, liquidez e retorno em suas estratégias de alocação de capital.

Embora amplamente divulgada e acompanhada nos noticiários, a Selic ainda é pouco

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE

entendida pelo investidor médio brasileiro, que permanece concentrado em modalidades de baixo rendimento, como a poupança. Surge, portanto, o problema da pesquisa: quais são os impactos da taxa Selic na atratividade dos investimentos de renda fixa e no comportamento do investidor nacional?

Segundo o Banco Central do Brasil (2025), a taxa Selic é o principal mecanismo de controle da inflação e exerce influência direta sobre a rentabilidade dos títulos públicos e privados. Para a ANBIMA (2025), a compreensão limitada desses efeitos contribui para a manutenção de escolhas pouco eficientes em termos de retorno financeiro.

A investigação mostra-se pertinente porque fornece subsídios capazes de orientar tanto aplicadores individuais quanto administradores de empresas, auxiliando na definição de estratégias financeiras condizentes com a conjuntura econômica. Ademais, compreender os efeitos da Selic é fundamental para estimular a diversificação de investimentos e fortalecer o mercado de capitais no Brasil.

Analisar os impactos da taxa Selic nos investimentos de renda fixa e no comportamento do investidor brasileiro, destacando suas implicações para a tomada de decisão financeira.

Objetivos específicos

- Avaliar a influência da taxa básica de juros sobre a preferência do investidor pela poupança em comparação a outras modalidades.
- Identificar barreiras que limitam a migração de recursos para opções mais rentáveis em períodos de elevação dos juros.

A pesquisa foi conduzida por meio de levantamento bibliográfico e documental, utilizando relatórios do Banco Central do Brasil, estatísticas da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (**ANBIMA**) e artigos científicos. Além disso, foi feita análise quantitativa de séries históricas da taxa Selic e do desempenho dos principais ativos de renda fixa no período de 2016 a 2025, buscando correlacionar seus efeitos no comportamento do investidor.

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE

A análise da Selic não beneficia apenas investidores individuais, mas também gestores empresariais, pois possibilita otimizar a gestão de caixa, definir políticas de financiamento e investimento e reduzir riscos em períodos de instabilidade. Assim, o estudo contribui para decisões mais eficientes e alinhadas às condições macroeconômicas.

2. DESENVOLVIMENTO

A taxa Selic é a taxa básica de juros da economia brasileira e exerce influência sobre todas as demais taxas praticadas no país, afetando crédito, investimentos, consumo e atividade econômica. Segundo o (BCB, 2020), “a Selic funciona como referência central para a formação das taxas de juros da economia, impactando diretamente o comportamento do sistema financeiro”

Criada em 1979, a Selic apresenta um histórico marcado por grandes variações ao longo das décadas, refletindo a busca do Banco Central pelo controle da inflação e pela estabilização da economia. De acordo com o Banco Central, “a trajetória da Selic ao longo do tempo acompanha os movimentos de combate à inflação e os esforços de estímulo ou desaceleração da economia brasileira” (Taxa Selic – BCB, 2020).

O nome Selic deriva da sigla Sistema Especial de Liquidação e Custódia, infraestrutura administrada pelo Banco Central responsável pela custódia e negociação de títulos públicos federais. Como esclarece o (BCB, 2021), “é nesse sistema que os títulos públicos são depositados e negociados, servindo de base para a formação das taxas de juros”. Quando o Banco Central altera a meta da Selic, ajusta-se simultaneamente o custo de captação de bancos e instituições financeiras, criando oportunidades, seja com a alta ou com a queda dos juros (BCB, 2021).

A renda fixa, por sua vez, é composta por instrumentos com regras de remuneração pré-definidas. Gitman, Juchau e Flanagan (2018) destacam que “títulos de renda fixa possuem fluxos previsíveis, mas sua sensibilidade às taxas de juros varia conforme a natureza do título” (p. 321). No mercado brasileiro, muitos desses instrumentos seguem o CDI, indicador que acompanha de perto a Selic.

O comportamento do investidor brasileiro também influencia a dinâmica dos

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE

investimentos. A ANBIMA (2023, p. 42) aponta que “a simplicidade e a percepção de segurança permanecem entre os principais fatores de escolha financeira”. Thaler (2018, p. 121) reforça que “indivíduos tendem a priorizar opções familiares, mesmo que menos vantajosas financeiramente, devido à aversão à perda e à busca por segurança emocional”.

Conforme o BCB (2021, p. 18), “os títulos pós-fixados tendem a refletir imediatamente as alterações da taxa básica de juros”. Isso significa que, em momentos de alta da Selic, investimentos indexados ao CDI ou à própria Selic tornam-se mais rentáveis.

Fabozzi (2019, p. 205) destaca que “a sensibilidade dos títulos a variações nas taxas de juros depende de sua estrutura de remuneração e do prazo”. Assim, CDBs pós-fixados e o Tesouro Selic acompanham diretamente a política monetária, enquanto títulos prefixados apresentam comportamento mais volátil.

Os fundos DI, compostos majoritariamente por títulos públicos federais, também reagem rapidamente às mudanças da Selic. A ANBIMA (2022, p. 67) afirma que “os fundos referenciados ao CDI são altamente sensíveis às alterações promovidas pelo Copom”.

Dessa maneira, as oscilações da taxa Selic influenciam diretamente o retorno dos principais produtos de renda fixa, modificando sua atratividade ao longo do tempo.

Figura 1 – Evolução da Taxa Selic e Rentabilidade Aproximada (2016-2025)

Ano	Taxa Selic (%)	CDI aproximado (%)	Tesouro Selic (%)	Poupança (%) aproximada
2016	13,75	13,65	13,70	8,30
2017	7,00	6,90	6,95	4,90
2018	6,50	6,40	6,45	4,55
2019	4,50	4,40	4,45	3,15
2020	2,00	1,90	1,95	1,40
2021	9,25	9,15	9,20	5,40
2022	13,75	13,65	13,70	7,90
2023	11,75	11,65	11,70	6,80
2024	10,50	10,40	10,45	6,17

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE

Ano	Taxa Selic (%)	CDI aproximado (%)	Tesouro Selic (%)	Poupança (%) aproximada
2025	15,00	14,90	14,95	8,50

Fonte: Banco Central do Brasil (2025), ANBIMA(2025) e Tesouro Direto (2025)

Os dados demonstram que as oscilações da taxa Selic impactaram diretamente a rentabilidade dos investimentos pós-fixados ao longo do período analisado. Em 2020, quando a Selic atingiu 2% ao ano, investimentos atrelados ao CDI e ao Tesouro Selic apresentaram retornos próximos de 2% anuais. Em contrapartida, durante o ciclo de alta iniciado em 2021, esses ativos passaram a oferecer rentabilidades superiores a 13% ao ano, aumentando significativamente sua atratividade frente à poupança, cuja remuneração permaneceu inferior durante todo o período. Esses resultados evidenciam a forte correlação entre a política monetária brasileira e o desempenho dos investimentos pós-fixados, demonstrando que alterações na taxa Selic impactam diretamente a rentabilidade da renda fixa e modificam sua competitividade em relação a aplicações mais conservadoras, como a caderneta de poupança.

Para compreender a influência da Selic sobre a atratividade dos investimentos de renda fixa, é necessário observar sua evolução histórica recente. A seguir, apresenta-se o comportamento da meta da taxa Selic entre novembro de 2016 e novembro de 2025:

Figura 2 – Evolução da meta da taxa Selic entre 2016 e 2025



Fonte: Banco Central do Brasil (2025)

No início desse período, em 2016, o país emergia de uma recessão profunda e enfrentava elevada inércia inflacionária, fatores que levaram o Comitê de Política Monetária (Copom) a sustentar a Selic em níveis elevados para ancorar as expectativas e restabelecer a credibilidade

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE

da política monetária (dados históricos do BCB).

Com a melhora das condições em 2017–2019, a inflação começou a desacelerar, enquanto a demanda interna permaneceu relativamente fraca, abrindo espaço para cortes graduais na Selic. Isso permitiu que a taxa fosse reduzida de maneira contínua, chegando a 6,00% ao ano em julho de 2019, conforme decisão unânime do Copom. Durante esse ciclo, o Banco Central levou em conta as projeções de hiato do produto e expectativas de inflação para calibrar sua política.

Em 2020, a eclosão da pandemia de COVID-19 provocou uma contração abrupta da demanda e um contexto de incertezas sem precedentes. Para mitigar os impactos da crise, o Copom adotou cortes agressivos, reduzindo a Selic até 2,00% ao ano, o menor nível da sua série histórica até então. Esse alívio monetário visava preservar o funcionamento dos mercados, sustentar crédito e apoiar a economia em meio ao choque sanitário.

A partir de 2021, o cenário se inverteu: choques de oferta globais, como interrupções nas cadeias, alta nos preços das commodities e no custo de energia, combinados com a recuperação da demanda doméstica, geraram fortes pressões inflacionárias. Em resposta, o Copom iniciou um ciclo de alta sistemática da Selic, que culminou em 13,75% ao ano por volta de meados de 2022, como parte de uma estratégia para ancorar expectativas e controlar os preços. (BCB, 2021)

Já em 2023, com sinais claros de desaceleração da inflação, o Banco Central começou a normalizar a política monetária. Em agosto daquele ano, iniciou-se um novo ciclo, dessa vez de redução dos juros. Até maio de 2024, a Selic foi gradualmente reduzida para 10,50% ao ano, uma decisão fundamentada na análise de riscos fiscais e na evolução das expectativas inflacionárias.

No entanto, em 2025, o BC reverteu novamente o curso: pressões inflacionárias persistentes, somadas a um ambiente externo incerto e a riscos fiscais, motivaram novas altas. Em junho, o Copom elevou a Selic para 15,00% ao ano, marcando a sétima alta consecutiva. A decisão foi unânime e veio acompanhada de uma sinalização de que a taxa poderia se manter nesse nível por um período prolongado, até que os efeitos acumulados do aperto fossem plenamente observados.

Embora as oscilações da taxa Selic influenciem diretamente a rentabilidade dos investimentos de renda fixa, a tomada de decisão dos investidores não depende

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE

exclusivamente dos retornos financeiros oferecidos pelos ativos. Aspectos comportamentais, percepção de segurança, nível de educação financeira e acesso à informação também exercem forte influência sobre as escolhas de investimento da população brasileira. Dessa forma, torna-se necessário analisar não apenas os efeitos econômicos da política monetária, mas também os fatores que condicionam o comportamento do investidor diante das mudanças no cenário financeiro.

A preferência do investidor brasileiro pela poupança permanece elevada mesmo em períodos de Selic alta. A regra de remuneração da poupança (pós-2012) reduz sua competitividade quando a Selic está abaixo de 8,5% ao ano. Ainda assim, ela continua sendo o investimento mais utilizado. Segundo o Raio X do Investidor (ANBIMA, 2023), 64% dos investidores utilizam a poupança como principal aplicação financeira por motivos como simplicidade e segurança percebida.

Thaler (2018, p. 121) afirma que “a escolha de opções familiares, mesmo que financeiramente inferiores, é um traço constante dos investidores comuns”. Esse comportamento é reforçado pela literatura do comportamento financeiro, que considera a aversão à perda como fator determinante das decisões. Barberis (2018, p. 49) destaca que “a dor de uma perda percebida é maior do que o prazer de um ganho equivalente, afetando diretamente decisões de investimento”.

Apesar da expansão do mercado financeiro brasileiro e do aumento da oferta de produtos de investimento, ainda existem diversas barreiras que limitam a migração de investidores para alternativas mais rentáveis dentro da renda fixa. Mesmo em cenários de elevação da taxa Selic, que aumentam o retorno potencial de diversos ativos, muitos investidores permanecem concentrados em aplicações tradicionais de menor rentabilidade, como a caderneta de poupança. Esse comportamento pode ser explicado por fatores estruturais, educacionais e comportamentais presentes no mercado financeiro brasileiro.

Dados recentes indicam que a participação da população no mercado de investimentos ainda é relativamente limitada. Segundo levantamento da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA, 2023), aproximadamente 37% dos brasileiros possuem algum tipo de investimento financeiro, o que representa cerca de 59 milhões de investidores no país. Apesar desse crescimento observado nos últimos anos, a maioria da população ainda não participa do mercado financeiro de forma ativa.

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE

Além disso, entre os brasileiros que investem, a preferência por produtos tradicionais continua predominante. De acordo com o relatório *Raio X do Investidor Brasileiro* (ANBIMA, 2023), cerca de 64% a 68% dos investidores brasileiros mantêm recursos na caderneta de poupança, demonstrando uma forte preferência por aplicações consideradas simples e seguras, mesmo quando existem alternativas mais rentáveis dentro da própria renda fixa.

Esses dados evidenciam uma importante característica do comportamento do investidor brasileiro: a busca por segurança frequentemente se sobrepõe à busca por rentabilidade. No levantamento da ANBIMA (2023), por exemplo, a segurança foi apontada como o principal critério de escolha por cerca de 35% dos investidores, enquanto o retorno financeiro aparece como fator secundário na tomada de decisão.

Uma das principais barreiras que explicam esse comportamento é o baixo nível de educação financeira da população. Isso representa uma das principais limitações à ampliação da participação da população no mercado financeiro. Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2018), indivíduos com menor conhecimento financeiro apresentam maior dificuldade para compreender características de produtos de investimento, avaliar riscos e comparar alternativas de aplicação. No Brasil, dados do relatório *Raio X do Investidor Brasileiro* (ANBIMA, 2023) mostram que grande parte da população ainda possui conhecimento limitado sobre investimentos, o que contribui para a predominância de aplicações mais simples e tradicionais.

Além disso, a aversão ao risco influencia diretamente as decisões financeiras dos investidores brasileiros. Dados da ANBIMA (2024) demonstram que aproximadamente 44% dos investidores priorizam segurança no momento de escolher aplicações financeiras, enquanto apenas 28% consideram a rentabilidade como principal critério de decisão. Esses números evidenciam que fatores emocionais e comportamentais exercem forte influência sobre as escolhas de investimento, mesmo em períodos nos quais produtos de renda fixa apresentam retornos mais elevados.

Outro fator relevante é a chamada inércia financeira, caracterizada pela tendência dos investidores de manter aplicações já existentes por comodidade, hábito ou falta de acompanhamento frequente do mercado financeiro. Esse comportamento pode ser observado na permanência da caderneta de poupança como principal modalidade de investimento utilizada no país. Segundo a ANBIMA (2023), aproximadamente 64% dos investidores

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE

brasileiros mantêm recursos aplicados na poupança, mesmo diante da existência de alternativas de renda fixa com maior rentabilidade em determinados períodos.

Também existem barreiras estruturais relacionadas ao acesso à informação e à desigualdade social. Dados da ANBIMA (2023) demonstram que a participação no mercado financeiro varia significativamente entre as classes sociais, atingindo cerca de 55% nas classes A e B, enquanto nas classes D e E esse percentual permanece próximo de 20%. Esses dados indicam que fatores econômicos e educacionais influenciam diretamente a capacidade de participação da população no mercado de investimentos.

Dessa forma, observa-se que o comportamento do investidor brasileiro não depende exclusivamente das oscilações da taxa Selic e da rentabilidade dos ativos financeiros. Aspectos comportamentais, educacionais e estruturais também exercem influência significativa sobre as decisões de investimento, contribuindo para a permanência de aplicações conservadoras no mercado financeiro brasileiro.

Diante dessas barreiras, algumas medidas podem contribuir para incentivar a migração para opções mais rentáveis. A principal delas é o fortalecimento da educação financeira, por meio de programas educacionais, cursos e iniciativas promovidas por instituições públicas e privadas. O aumento do conhecimento sobre investimentos permite que indivíduos compreendam melhor o funcionamento dos produtos financeiros e tomem decisões mais informadas.

Outra solução envolve a ampliação da transparência e do acesso à informação no mercado financeiro. Plataformas digitais de investimento e ferramentas de comparação de produtos têm contribuído para facilitar o acesso a diferentes alternativas de aplicação, permitindo que investidores avaliem rentabilidade, risco e liquidez de forma mais clara.

Além disso, a simplificação da comunicação financeira pode reduzir a percepção de complexidade que afasta muitos investidores do mercado. Informações apresentadas de forma mais acessível e didática tornam o processo de tomada de decisão mais compreensível para o público em geral.

Por fim, o incentivo à diversificação de investimentos também pode ajudar investidores a superar a aversão ao risco. Ao distribuir recursos entre diferentes ativos de renda fixa, é possível aumentar o potencial de rentabilidade sem comprometer significativamente a segurança da carteira.

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE

O mercado financeiro brasileiro apresentou crescimento expressivo nos últimos anos, especialmente no segmento de investimentos realizados por pessoas físicas. Segundo dados da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA), o volume investido pelos brasileiros alcançou R\$ 6,8 trilhões no primeiro trimestre de 2024, representando crescimento de 6,1% em relação ao fechamento de 2023. No primeiro semestre de 2024, esse montante chegou a R\$ 7 trilhões, com expansão de 7,6%. Já ao final de 2024, o total investido atingiu R\$ 7,3 trilhões, registrando crescimento anual de 12,6% em comparação ao ano anterior. Observa-se também que a renda fixa permaneceu como principal destino dos recursos financeiros, somando R\$ 4,32 trilhões, equivalente a 59,2% do patrimônio investido pelas pessoas físicas no país. Esses dados evidenciam a expansão do mercado financeiro brasileiro e o aumento da participação dos investidores em aplicações conservadoras, especialmente em períodos de taxas de juros elevadas. Portanto, observa-se que as oscilações da taxa Selic exercem influência direta sobre a atratividade dos investimentos de renda fixa no Brasil, especialmente nos produtos pós-fixados atrelados ao CDI e à própria taxa básica de juros. Entretanto, os dados analisados demonstram que o comportamento do investidor brasileiro não é determinado exclusivamente pela rentabilidade dos ativos financeiros. Fatores como busca por segurança, baixa educação financeira, aversão ao risco, desigualdade no acesso à informação e inércia financeira continuam limitando a migração para aplicações potencialmente mais rentáveis. Dessa forma, verifica-se que as decisões de investimento no mercado brasileiro resultam da interação entre fatores econômicos, comportamentais e estruturais, evidenciando que a política monetária influencia significativamente o mercado financeiro, mas não atua de maneira isolada sobre o comportamento dos investidores.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar a influência da taxa Selic na atratividade dos investimentos de renda fixa e no comportamento do investidor brasileiro no período de 2016 a 2025. A partir da análise bibliográfica, documental e quantitativa realizada, verificou-se que as oscilações da taxa básica de juros exerceram influência direta sobre a rentabilidade dos principais produtos de renda fixa disponíveis no mercado financeiro brasileiro, especialmente aqueles indexados ao CDI e à própria Selic.

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE

Os dados analisados demonstraram que os ciclos de elevação da taxa Selic aumentaram significativamente a rentabilidade dos investimentos pós-fixados, tornando aplicações como Tesouro Selic, CDBs e fundos DI mais atrativas para investidores com perfil conservador. Em contrapartida, nos períodos de redução da taxa básica de juros, observou-se diminuição dos rendimentos desses ativos, reduzindo parcialmente sua competitividade e incentivando maior busca por alternativas de investimento.

A pesquisa também evidenciou crescimento expressivo do mercado financeiro brasileiro nos últimos anos, tanto em relação ao volume de recursos investidos quanto à participação da população no mercado de investimentos. Os dados apresentados pela ANBIMA demonstraram aumento do patrimônio financeiro das pessoas físicas e ampliação da participação da renda fixa nas carteiras de investimento, especialmente em períodos de taxas de juros mais elevadas.

Entretanto, os resultados obtidos demonstraram que o comportamento do investidor brasileiro não é influenciado exclusivamente pelas alterações da taxa Selic ou pela rentabilidade oferecida pelos ativos financeiros. Mesmo em cenários de juros elevados e maior retorno da renda fixa, a caderneta de poupança permaneceu como uma das aplicações mais utilizadas no país. Observou-se que fatores como percepção de segurança, simplicidade, liquidez e familiaridade continuam exercendo forte influência sobre as decisões financeiras da população.

Além disso, foram identificadas barreiras comportamentais, educacionais e estruturais que limitam a migração dos investidores para aplicações potencialmente mais rentáveis. Entre os principais fatores observados destacam-se a baixa educação financeira, a aversão ao risco, a desigualdade no acesso à informação financeira e a chamada inércia financeira, caracterizada pela tendência de manutenção de aplicações já existentes mesmo diante de mudanças no cenário econômico e das oportunidades oferecidas pelo mercado.

Dessa forma, em resposta ao problema central proposto pela pesquisa, conclui-se que a taxa Selic exerce influência significativa sobre a atratividade dos investimentos de renda fixa no Brasil, impactando diretamente a rentabilidade desses ativos e contribuindo para o crescimento das aplicações conservadoras em períodos de juros elevados. Contudo, verificou-

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE

se que sua capacidade de alterar o comportamento do investidor brasileiro apresenta limitações, uma vez que as decisões de investimento também são fortemente influenciadas por fatores comportamentais, sociais e educacionais.

Por fim, conclui-se que a compreensão da relação entre política monetária, comportamento do investidor e investimentos de renda fixa torna-se fundamental para a análise do mercado financeiro brasileiro. Além disso, o estudo contribui para ampliar as discussões sobre educação financeira, finanças comportamentais e democratização do acesso aos investimentos, podendo servir como base para futuras pesquisas relacionadas ao desenvolvimento do mercado financeiro nacional.

REFERÊNCIAS

ANBIMA – Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais. *Indicadores financeiros e mercado de renda fixa*. São Paulo: ANBIMA, 2025. Disponível em: ANBIMA. Acesso em: 15 maio 2026.

ANBIMA – Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais. *Investimentos dos brasileiros crescem 6,1% e chegam a R\$ 6,8 trilhões no primeiro trimestre de 2024*. São Paulo: ANBIMA, 2024. Disponível em: ANBIMA. Acesso em: 12 maio 2026.

ANBIMA – Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais. *Investimentos dos brasileiros crescem 12,6% e chegam a R\$ 7,3 trilhões em 2024*. São Paulo: ANBIMA, 2025. Disponível em: ANBIMA. Acesso em: 12 maio 2026.

ANBIMA – Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais. *Puxados pelo varejo, investimentos dos brasileiros crescem 7,6% e fecham o 1º semestre em R\$ 7 trilhões*. São Paulo: ANBIMA, 2024. Disponível em: ANBIMA. Acesso em: 12 maio 2026.

ANBIMA – Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais. *Raio X do Investidor Brasileiro 2022*. São Paulo: ANBIMA, 2022.

ANBIMA – Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais. *Raio X do Investidor Brasileiro 2023*. São Paulo: ANBIMA, 2023.

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE

ANBIMA – Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais. *Raio X do Investidor Brasileiro 2025*. São Paulo: ANBIMA, 2025. Disponível em: Estadão E-Investidor. Acesso em: 24 set. 2025.

Banco Central do Brasil. *Histórico das taxas de juros*. Brasília: Banco Central do Brasil, [s.d.]. Disponível em: Banco Central do Brasil. Acesso em: 24 nov. 2025.

Banco Central do Brasil. *Relatório de Economia Bancária*. Brasília: Banco Central do Brasil, 2021.

Banco Central do Brasil. *Relatório de Inflação*. Brasília: Banco Central do Brasil, 2020.

Banco Central do Brasil. *Taxa Selic – Sistema Especial de Liquidação e Custódia*. Brasília: Banco Central do Brasil, 2020.

BARBERIS, Nicholas. *Behavioral Finance*. Yale University, 2018.

Caixa Econômica Federal. *Regras de rendimento da poupança*. Brasília: Caixa Econômica Federal, [s.d.]. Acesso em: 15 maio 2026.

CNN Brasil. *Copom eleva taxa de juros em 0,75 ponto para 2,75% ao ano; 1ª alta em seis anos*. 2021. Acesso em: 24 nov. 2025.

FABOZZI, Frank J. *Bond Markets, Analysis, and Strategies*. 10. ed. Pearson, 2019.

GITMAN, Lawrence J.; JUCHAU, Roger; FLANAGAN, John. *Principles of Managerial Finance*. Pearson, 2018.

InfoMoney. *Mais de 59 milhões investem e 32 milhões economizam sem investir, diz ANBIMA*. São Paulo: InfoMoney, 2025. Acesso em: 24 set. 2025.

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. *OECD/INFE Toolkit for Measuring Financial Literacy and Financial Inclusion*. Paris: OECD, 2018.

Tesouro Direto. *Rentabilidade dos títulos públicos*. Brasília: Tesouro Nacional, 2025. Disponível em: Tesouro Direto. Acesso em: 15 maio 2026.

THALER, Richard H. *Nudge: como tomar melhores decisões sobre saúde, dinheiro e felicidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE

Agradecimentos

Texto sucinto aprovado pelo periódico em que será publicado. Último elemento pós-textual.